

# A educação para o respeito III

---

## Como educar a atitude de respeito frente a nós?

### [Introdução](#)

#### [Texto: Como educar a atitude de respeito frente a nós?](#)

[A. Encarnar o ideal do educando](#)

[B. Ter fé no que há de bom no outro](#)

[C. Tornar-se desnecessário](#)

[D. Ser abnegado ao máximo](#)

---

## Introdução

*O presente texto corresponde a conferências dadas em 1931 pelo P. José Kententich. Em várias ocasiões, durante esse ano, orientou cursos sobre pedagogia da idade juvenil. A editora Schoenstatt-Verlag publicou em 1972, sob o título *Ethos und Ideal in der Erziehung* (Ethos e ideal na educação), o manuscrito mais completo que se possuía, correspondente ao curso dado a educadores entre 28 e 31 de Maio de 1931. O texto escolhido faz parte da 10ª conferência.*

## Texto: Como educar a atitude de respeito frente a nós?



Voltemos agora à segunda questão. Exteriormente, parece ser talvez a mais importante: Como educamos nas pessoas que nos foram confiadas o respeito frente a nós mesmos? Como educar adequadamente os adolescentes? Também aqui daremos três respostas.

### A. Encarnar o ideal do educando

Consigno-o, em primeiro lugar, na medida em que eu próprio encarno o ideal da pessoa que devo educar. É de uma atitude fundamental que se trata e não de uma pequena e astuta "receita". Se encarnar, no essencial, o ideal do jovem, ele será tomado de respeito por mim.

De resto, nenhum de nós deve levar a mal se, porventura, um jovem faz alguma coisa errada na nossa presença. É próprio da sua vitalidade. Não sejamos demasiado susceptíveis. O mesmo vale, por igual,

---

quando lidamos com pessoas maduras. Na medida em que me esforço sinceramente por encarnar o ideal do outro, nessa mesma medida o educo para o respeito por mim. Se não o faço, não posso imaginar sequer como poderá chegar a estabelecer-se esse delicado vínculo que une e vincula, com progressiva profundidade, o educador e o educando.

## **B. Ter fé no que há de bom no outro**

Em segundo lugar - e isto é absolutamente essencial - devemos manter, a todo o custo, a fé no que há de bom no jovem. Ou, generalizando, manter a fé no que há de bom em cada pessoa (...).

- Apesar das muitas desilusões que tenhamos sofrido;
- apesar dos seus muitos erros;
- apesar das lutas contínuas de que somos testemunhas nas nossas crianças, não deve existir nada que nos faça perder a fé no que há de bom no homem. Em que se baseia isto? A dogmática ensina-nos que a natureza humana, apesar de ter ficado debilitada em consequência do pecado original, não ficou totalmente corrompida. Existem ainda muitas coisas boas no homem. Por isso confiamos na bondade do homem e fazemo-lo sinceramente, com objectividade. A isto devemos acrescentar que a maioria das vezes lidamos com jovens e crianças que receberam a vida divina pelo baptismo. Este é mais um motivo para nunca perder a fé no que há de bom neles.

(...) E, quando digo que queremos conservar a fé no que há de bom na pessoa, afirmo-o apesar de todas as desilusões que esta nos tenha ocasionado. Talvez o saibam por experiência própria: se alguém nos disse ou mostrou que já não acredita em nós, ficamos inibidos interiormente. Por isso, procuremos sempre manter firme a fé no que o outro tem de bom.

Em segundo lugar, dissemos, há que guardar a fé no que o homem tem de bom mesmo quando tenhamos de constatar que ele cometeu uma quantidade de erros.

Do ponto de vista psicológico, podemos dizer que os erros nem sempre são muito perigosos. Como os avaliamos? Segundo a psicologia evolutiva. Se considerarmos esses desvios na perspectiva psicológica, vemos que o que se manifesta nos comportamentos errados é a vontade de se afirmar e de realizar coisas por si mesmo. Sente-se então imediatamente que a pessoa se confronta com obstáculos que impedem o seu desenvolvimento. Quais são para ela esses obstáculos? São os pais, o pai e a mãe. E qual é o efeito? O sentimento de rejeição. O que fazer, então? Aqui surge uma lei muito importante: Há que permitir que se façam asneiras. Não se deve desgastar inutilmente a última autoridade. Devo, evidentemente, chamar a atenção do jovem para os desaires; mas tenho de saber admitir asneiras e erros. Só não devo permiti-los quando sei que, se acontecerem, as coisas se vão precipitar vertiginosamente por uma ladeira abaixo. Mas, porventura não aconteceu também connosco que, mesmo quando os pais nos preveniram, só acreditámos no que pudemos experimentar pessoalmente?

Em todo o caso, penso que esse tipo de desvios não deve ser tomado de maneira muito trágica. Exteriormente, para manter a disciplina, temos de intervir; mas, interiormente, não devemos ficar furiosos. Isto é essencial: se tenho que causar dor, faço-o porque esse é o meu dever e não tomado duma raiva desordenada. Só então farei bem as coisas.

Ainda há mais um aspecto: Porque não devemos encarar as coisas tragicamente na idade da adolescência? Talvez já o tenham observado, na vida. Do ponto de vista psicológico e pedagógico, falamos da “reação de contraste” perante a vida vivida. Frequentemente, os filhos não querem seguir a mesma profissão dos pais. Por que motivo? Os pais viveram a sua vida, e a geração seguinte quer, por contraste, viver a vida que os pais não viveram: é o impulso de contraste ante a vida vivida. A partir deste processo vital, podem explicar-se muitas reacções; e, sobretudo, não se devem tomar as coisas muito tragicamente quando a

geração jovem mostra um sentimento de rejeição perante a antiga geração. Foi sempre assim em todos os tempos. Mesmo nos conventos.

A mestria neste processo consiste em perseverar a orientação da juventude. Quando não o fizermos, obteremos justamente o contrário. É verdade que atravessámos por um tempo em que a juventude foi revolucionária; mas isso não é trágico.

São Bernardo aconselhava que, no capítulo, os abades escutassem especialmente os monges jovens, porque estes às vezes também tinham o Espírito Santo. Porque é que digo isto? Para que reencontremos uma tensão saudável. Não devemos pensar que somos donos da sabedoria. No convívio mútuo devemos também saber escutar os outros.

Digo estas coisas para os convencer de que temos de acreditar no que as pessoas têm de bom, mau grado os seus desvios. Não quero com isto dizer que devemos fazer tropeçar, de propósito, os nossos filhos espirituais. Isso de maneira nenhuma; não devemos tomar as coisas tragicamente quando os desvios acontecem.

Por último, temos de acreditar no que há de bom na pessoa, quando as lutas se tornam nela mais intensas e permanentes. E acrescento: nunca evitemos as lutas às nossas crianças. Se o fizermos, estaremos a educá-los para a imaturidade. E garanto-lhes que se evitarem as lutas àqueles que lhes foram confiados - seja porque lhes resolveram as dificuldades com demasiada rapidez, ou porque lhes pouparam as lutas, ao pôr, sem querer, na balança, a força da vossa personalidade - então a consequência não se fará esperar: haverá um homem íntegro a agradecer a Deus, de joelhos, a vossa partida "ad patres", o facto de terem desaparecido da circulação quando morrerem. Têm que levar isto a sério. Sabe Deus quanto respeito e amor é possível que eles simulem; mas não acreditem. Tenham cuidado em deixar que cada um trave as suas lutas e resolva os seus problemas.

Claro que eu gostaria de estar sempre ao corrente de tudo o que se passa. Mas não me ocorre intervir. Não intervenho. Deixem que os jovens cometam "tolices e infantilidades", desde que não caiam cedo demais. De outro modo, não chegarão mais tarde a ser personalidades vigorosas, nem os teremos educado para a vida. Formaremos bonecos, mas não pessoas com os pés assentes na terra (...).

### **C. Tornar-se desnecessário**

Em terceiro lugar, devemos tornar-nos desnecessários em toda a linha; ou, ao menos essa deve ser a nossa atitude interior.

Como fazê-lo? Assim que percebo que alguém pode caminhar sozinho, retiro-me. Deve aprender a caminhar sozinho! Que faça tranquilamente algumas experiências e veja se dá alguma cambalhota. Se cair, observo se pode levantar-se por si mesmo; e sem sequer pestanejar deixo que se levante .

Seja como for, têm que tornar-se desnecessários. Se não querem vir a ser algum dia realmente desnecessários e rejeitados, tornem-se supérfluos. Se quiser guardar os outros para mim, se procurar que se apeguem à minha pessoa e, para isso, fizer concessões, a nossa relação será só passageira. Por isso, mal percebo que alguém pode andar por si mesmo, ponho-me conscientemente de lado. É preferível começar a fazê-lo cedo demais do que demasiado tarde.

Em segundo lugar - isto também é essencial - não procurem nunca o favor do educando. Nunca lhe digam: "Porque não te unes a mim?". Pelo contrário; há que mostrar-lhes, de forma clara e direta, que se quiserem ir-se embora, as portas estão abertas (...).

---

Se procurarmos obter complacência, a resposta de qualquer pessoa de sentimentos nobres será sempre, justamente, a contrária. Talvez exteriormente se comporte de forma correcta; mas rapidamente treparão por cima de nós, e já não seremos nós a educar. Seremos postos, pelo contrário, na corda bamba.

(...) Estas coisas podem aplicar-se em qualquer tipo de condução, quer se trate de direcção espiritual ou do comando de um regimento. Na medida em que saibamos unir respeito e amor, teremos o bom senso de educar como deve ser. E se alguma vez cometermos um erro - o que é um direito humano - Deus Pai também estará connosco. Ele cuidará de nós. Se tivermos realmente uma relação pessoal com o tu, os nossos erros não causarão danos. Teremos, apenas, de ser suficientemente sinceros para confessar que cometemos um erro.

## **D. Ser abnegado ao máximo**

Que mais poderemos fazer para que as pessoas que nos foram confiadas conservem e não percam o seu respeito por nós? Ser abnegados ao máximo. Este é sempre o melhor meio para manter o respeito. Mas não deve ser feito intencionalmente: apenas como simples expressão da nossa personalidade.

O que significa ser abnegado até ao extremo? Se for abnegado até ao extremo, não me agarro ao facto de que sou eu quem tem de educar. Se há outra pessoa que pode fazê-lo melhor do que eu, que o faça. O que importa é que o tu seja verdadeiramente ajudado. Ele é o centro. É ele que importa, não a minha pessoa.

(...) Quero com isto dizer que, no meu apostolado, não devo ir à procura do outro? Certamente que não: também devo ir ao encontro do outro. O que importa é que o faça como expressão de serviço desinteressado ao tu. Se o procuro, por temer que possa fugir-me das mãos, será errado, porque não é o mais importante.

O respeito é mais importante do que o amor. Se o serviço respeitoso exige que procure o outro e vá ao seu encontro, faço-o. De outro modo, não. A menor concessão nesta direcção é uma concessão ao meu egoísmo: é sinal de que me procuro a mim mesmo e não ao outro (...).